



A IMAGEM DO EXÉRCITO

Jonas Correia Neto

Coronel de Artilharia, da Turma de 11 Ago 45, promovido ao posto atual, por merecimento, em 25 Dez 70.

Possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras, de Guerra Química, de Equitação, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas, e Superior de Guerra, os últimos realizados na ESG.

Foi instrutor do Colégio Militar do Rio de Janeiro e da ESAO, Oficial-de-Gabinete do Ministro do Exército, Comandante do Colégio Militar de Porto Alegre e integrante da delegação brasileira às 6ª e 8ª Conferências de Exércitos Americanos.

Membro de diversas sociedades de Geografia e História, entre as quais o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, é autor de trabalhos publicados em jornais e revistas.

1. A imagem do Exército Brasileiro — exata, real, fiel, não falseada nem floreada — pode e deve ser exposta, constantemente, à apreciação pública.

A Nação tem o direito de saber como vai o seu Exército. Quer saber.

Para os militares, é muito bom que seja assim. Mas, será que vimos correspondendo a essa curiosidade, como deveríamos?

A carência de informações, é sabido que gera notícias errôneas, idéias falsas; favorece o curso de maldades; permite que vicejem intrigas; amplia mal-entendidos; anima a difusão de alevisias; lança dúvidas; alimenta discórdias; faz verossímeis as mais crassas mentiras; abre trânsito a boatos negativos, malsãos, dissolventes.

Ao invés, uma informação honesta, oportuna, bem apresentada, evita esses males, enfraquece o veneno destilado; senão, ao menos retira dos argumentos capciosos sua força persuasiva, pois oferece outros para uma confrontação clara, com dados fidedignos, comprováveis, irretorquíveis.

Quem puder entender, quem quiser saber, com sinceridade, receberá lealmente os elementos para formular juízos justos.

Tarefa persistente, mas que resultará fecunda, ela é do campo da Comunicação Social. No seu esforço de aplicação, é da competência das Relações Públicas.

Há um leque de tópicos que caberiam no contexto de estudo sobre tão palpitante assunto. Entretanto, não daremos a esta colaboração nem a profundidade nem a amplitude sugeridas pelo título; até porque, isso seria trabalho de fôlego, atribuível a uma equipe bem instrumentada de expertos — que os possuímos — e não a nós, nesta tentativa singular de abordagem de apenas algumas facetas da questão.

2. O povo deseja conhecer melhor — quem sabe, começar a conhecer de fato, com exatidão — o que é, para que serve e o que faz o seu Exército.

Do conhecimento é que se chega à compreensão. Maledicências, intrigas e distorções à parte, ainda há muita gente que só pensa no Exército segundo estereótipos superados, de épocas há muito passadas, os quais são, por sinal, mais ajustáveis a Exércitos de outros países do que ao nosso.

Para tal modelo, simplistamente aceito, fruto quase sempre de apressadas generalizações, têm contribuído, inclusive, obras célebres da literatura universal, como da indígena, de todos os tempos. Ocorre-nos, pela boa fama de que goza até entre os militares, a "Servidão e Grandeza Militar", de Vigny. Consideramo-la mais perniciosa do que útil, porquanto conduz o leitor a sentimentos controversos, ora de pena, ora de aversão, ora de admiração pelos seus tipos focais, porém sempre, inevitavelmente, à convicção desfavorável quanto ao mais alto e puro sentido do cumprimento pleno, obstinado e consciente dos deveres militares.

Muitas pessoas há, no Brasil, hoje como outrora, que visualizam o Exército pela ótica mesquinha dos que preferem crer em aparências e em julgamentos preestabelecidos. Só são capazes de ver os exteriores e as exceções. Do Exército, registram apenas uniformes, desfiles, guardas, ações tipo policial, faxinas, esportes, continências e punições; imaginam quartéis sem atividade, engolfados em inútil rotina do dia-a-dia; criticam a burocracia do papelório e dos gabinetes, necessária mas incharacterística; e conservam a prevenção contra autoritarismo e prepotência e a suposição de carência geral de cultura — ou até de ignorância.

É melancólico dizer-se. Todavia, aqueles que, como nós, têm tido inúmeras ocasiões de travar contato, funcional ou não, com elites do interior brasileiro, mormente onde não há organizações militares, surpreendem-se com a sincera surpresa de figuras de gabarito local, quando têm oportunidade de testar o nível de conhecimentos, de toda ordem e não só profissionais, de nossa oficialidade. Confessamos, com freqüência, que haviam imaginado coisa bem diferente...

Pouco temos feito para divulgar o estágio cultural superior e o ótimo padrão profissional que já atingimos.

Nem se diga que é supérfluo fazê-lo. Não, não é. No nosso País, o Exército é e será, por muito tempo, uma força de marcante atuação no cenário social (aí compreendido o político, em alto sentido).

3. Parece-nos que o adequado esclarecimento da opinião pública teria, sempre, de insistir no ponto essencial: a Missão do Exército.

São deveres colocados bem no íntimo das atribuições de toda força armada, que tem uma alta e intransferível Missão, sinteticamente mas perfeitamente definida em textos legais ostensivos, como a Constituição e o Estatuto dos Militares. Pois essa Missão deveria ser explicada, em seus detalhes mais expressivos, por meio de artigos e reportagens bem orientados, simples, atraentes, em jornais de ampla penetração, e transcritos em jornais locais, das nossas cidades. E também nas revistas de maior circulação.

Aspecto importantíssimo é dizer-se como é que o Exército cumpre sua missão: o que ele faz e como o faz.

É mister uma ativa e bem montada campanha, para se revelar a correta dimensão nacional do Exército, no seu papel de Força Terrestre, isto é, desde a vida de caserna (serviços, instrução da tropa e dos quadros) até os exercícios em campanha, de todos os níveis. Nesse ponto, há de ser enfatizada a preparação do Exército para combater, seja na desvelada manutenção da ordem interna, seja na vigilância indormida contra qualquer possível inimigo externo — na defesa da Pátria, a todo transe, mesmo ao preço da vida.

As publicações oficiais, como "O Seu Exército" e o "Verde Oliva", muito bem estruturadas, mostram algo desse ângulo. Todavia, não são profusamente distribuídas; não atingem áreas onde exerceriam excelente função informativa e neutralizadora; e, naquelas aonde chegam graças à existência de organizações militares, ficam restritas ao pessoal ligado às OM — ou seja, a quem menos carece de sua leitura.

4. Por certo, é necessário cuidado nas mensagens, que poderiam ser deformadas, aos poucos, no entendimento popular.

O caso das operações de Ação Cívico-Social do Exército constitui-se em exemplo muito significativo.

ACISO é tarefa louvável, ainda que seja ação subsidiária, no âmbito global das missões que cabe ao Exército cumprir. Se lhe for atribuído destaque além dos limites, dar-se-á a impressão de que seja tarefa essencial. Ora, o Exército a executa em caráter extraordinário. Com a ACISO, está preenchendo lacunas, está substituindo, com as atividades dos militares, aquelas que outros órgãos deveriam estar realizando. É ação meritória, indispensável ainda e por longo tempo, em face das condições brasileiras. Entretanto, sendo colocada em plano de excessiva importância, para a Força, e divulgada com demasiado destaque, poderá conduzir à seguinte indagação: "se isso é o trabalho mais importante do Exército, que lhe sobrar para fazer, quando cada setor da administração pública puder atender cabalmente às suas obrigações?" ...

Uma resposta maldosamente sugerida conduziria à dúvida sobre a indispensabilidade do Exército. Voltamos a afirmar: somente o conhecimento daquilo que compete ao Exército fazer, primordialmente, e de como ele o faz, permanentemente, permitirá aparar-se toda má interpretação, casual ou dirigida.

Noutra ordem de idéias, ocorre-nos citar o trabalho das unidades de Engenharia de Construção.

Quem conhece a atuação dessas unidades, não pode sopitar intenso sentimento de orgulho patriótico. Os BEC, os Btl Ferroviários, os hoje extintos Btl Rodoviários, têm uma história de estoicismo, dedicação, precisão técnica, ação civilizadora, em meio a grandes e silenciosos sacrifícios. O que eles têm produzido para o País é uma obra magnífica, em clima de epopéia.

Divulgar as suas atividades, mostrando-as em tintas fortes, engrandece o Exército e eleva os militares, que se orgulham da sua Engenharia de Construção.

O trabalho pioneiro em que se empenham, rasgando a terra, implantando estradas, lançando pontes, ligando cidades e possibilitando o florescimento de novas cidades, enfim, humanizando e civilizando regiões interioranas, é fundamental para o Brasil, em fase de desbravamento de áreas — o que precisamos acelerar, valorizar e proteger.

Por sinal, não é só no Brasil que unidades militares são empregadas assim, em atuação de grande interesse comunitário. Isto acontece em países mais adiantados, mais ricos, de território já mais domado e de forças armadas mais dotadas de recursos, portanto mais voltadas, do que nos tem sido possível, para as atividades-fins da profissão. O exemplo dos EUA e da França, neste campo, é modelar.

Todavia, havemos de ter cautela no modo de destacar tão nobre trabalho. Por ser assaz louvável, mesmo desde um prisma eminentemente militar, nem por isso deixa de ter acentuada conotação civil, embora dentro do quadro maior da Segurança Nacional.

Logo, aqui também poderia ser argüido — por insinuações malévolas, mas capazes de convencer — que outros órgãos deveriam estar cumprindo essas missões de construção; e que o Exército estaria, nesses afazeres extras, como que tapando buracos, pela ausência de outrem...

Eis porque é impositivo assinalar-se que, ao mesmo tempo que prestam relevantes serviços (relevância, aliás, creditada oficialmente), essas unidades têm a oportunidade ímpar de aprimorar a sua preparação para o cumprimento de missões reais, pois estão funcionando efetivamente, na plenitude, naquilo que lhes caberá fazer numa situação bélica.

São esses beneméritos Batalhões, talvez, as OM do Exército que se podem considerar melhor treinadas, na paz, para cumprir missões de guerra.

Então, havemos de enfatizar essa característica, ao difundirmos a sua ação em prol do nosso desenvolvimento. Seria uma maneira de não permitirmos o desvirtuamento da compreensão do trabalho deles: soldados em ação, construindo

para a Pátria, adestrando-se para se desincumbir da missão de bem servi-la, na paz ou na guerra.

5. Vê-se que falamos em guerra, diversas vezes. Por que não? É tempo de passarmos a falar, desassombradamente, naquilo que é a principal razão de ser da nossa Instituição.

Não é disfarçando essa motivação profissional que vamos projetar melhor a nossa imagem.

Seremos tanto mais queridos e mais respeitados, quanto mais sinceramente nos mostrarmos aos nossos concidadãos.

Sendo militares, integramos um grupo profissional peculiar, com uma missão definida. Para cumpri-la, o melhor que pudermos, temos de receber da Nação os meios indispensáveis — não só os mínimos, mas os adequados à estatura nacional — e merecer, do nosso povo, a compreensão, a confiança e o apoio, que vão compor o suporte moral imprescindível.

Como conseguir tudo isso, se não formos corretamente entendidos, bastante conhecidos e bem conceituados?

Como consegui-lo, se nos sentirmos acanhados em dizer, alta e nitidamente, para que existimos, como trabalhamos, o que fazemos e o que pretendemos, como expressão do Poder Militar, que somos — parcela atuante do braço armado do Poder Nacional?

Como consegui-lo, se disfarçarmos as motivações básicas do nosso ardor profissional?

Nossas motivações, que conformam o cenário do nosso trabalho cotidiano, que alimentam nosso entusiasmo, são a própria justificativa da nossa existência. Correspondendo a elas, não vivemos em vão!

Se a imagem do Exército não estiver ajustada a elas, será incompleta e soará falsa. Não nos satisfazendo bastante, não convencerá facilmente a ninguém.

Temos de divulgar a imagem certa, preservando-a em seu valor integral, pois assim — e só assim — ela nos será realmente útil, para nos apoiar no cumprimento da Missão do Exército, que almejamos seja o mais perfeito possível.